

VII Congresso Internacional: A Vez e a Voz da Mulher Imigrante Portuguesa
Universidade de Toronto, 10-12 Maio 2023

Mau Tempo no Atlântico:
A Escrava Açoriana e Margarida em Mau Tempo no Canal
Rosa Maria Neves Simas

ABSTRACT

Neste artigo apresento uma análise comparativa e feminista das heroínas de dois romances basilares dos Açores: Margarida no *Mau Tempo no Canal* de Vitorino Nemésio, publicado em 1944, e Rosário, *A Escrava Açoriana* de Pedro Almeida Maia, de 2022. São personagens femininas marcantes que espelham a realidade social da mulher no seu tempo: Margarida, sitiada nas ilhas centrais do Pico, Faial e São Jorge entre 1917 e 1919, e Rosário, emigrada de São Miguel para o Brasil, e depois de volta, entre 1873 e 1925. Ambas anseiam fugir ao cerco que a vivência insular representa, especialmente para as mulheres, mas actuam de formas divergentes e com resultados muito diferentes. Ambas lidam com expectativas e ligações amorosas, que acabam por ser secundárias à trama narrativa principal, mas enfrentam situações diversas e reagem de formas díspares. Ambas empreendem deslocações e viagens que moldam as suas personalidades e vidas, mas com dimensões divergentes e trajectórias distintas. Mas a principal diferença advém da geografia, de como se relacionam com a ilha e onde as leva o “mau tempo” existencial que a ambas assola: Margarida Clark Dulmo, no contexto das travessias no Canal Faial-Pico no início do século XX, e Rosário de Santa Clara, no contexto da travessia do Oceano Atlântico e emigração para o Brasil, onde será feita escrava branca, e do subsequente regresso à ilha, no último quartel do século XIX e o primeiro do século XX.

Stormy Weather in the Atlantic:
A Escrava Açoriana and Margarida in Mau Tempo no Canal

This paper presents a comparative feminist analysis of the heroines of two key novels of the Azores: Margarida in Vitorino Nemésio’s *Mau Tempo no Canal* (literally, “Stormy Weather in the Channel,” *Stormy Isles* in a 2019 translation) published in 1944, and Rosário, *A Escrava Açoriana* (“The Azorean Female Slave”) published in 2022 by Pedro Almeida Maia. These are two impressive literary heroines who reflect the social reality of women at the time: Margarida, enclosed within the central islands of Pico, Faial, and São Jorge from 1917 to 1919, and Rosário, who emigrated from São Miguel to Brazil, and then returned, between 1873 and 1925. Both yearn to escape the enclosure island life represents for women, but in different ways and with differing results. Both deal with amorous expectations and relationships that end up being secondary to the main narrative but confront different situations and have different reactions. Both embark on trips and voyages that shape their personalities and lives, but the dimensions and trajectories differ greatly. The main difference, however, is grounded in geography, in where they go and how they deal with island reality and the existential “mau tempo” (malaise) that overwhelms them: Margarida Clark Dulmo in her crossings of the Faial-Pico Channel in the early 20th century, and Rosário de Santa Clara, who crosses the Atlantic Ocean and emigrates to Brazil, where she will be made a white slave, and subsequently returns to São Miguel, from the last quarter of the 19th century to the first quarter of the 20th century.

PREÂMBULO

Por coincidência – ou não, não sei? – eu emigrei com os meus pais, do Pico para a Califórnia, em abril de 1953, um mês antes dos pioneiros no Canadá evocados, em abril passado, nos *Filamentos da Herança Atlântica*, e agora, nas comemorações dos 70 Anos dessa ida. Não me lembro da nossa travessia, pois tinha 2 anos na altura, mas sei que foi um salto no escuro, como foi a ida dos emigrantes para o Canadá agora celebrada.

Emigrar nessa altura era, sem dúvida alguma, um enorme salto no escuro. Era como ir para a lua. Não se conhecia, como se pode hoje conhecer, para onde se ia. Não se podia telefonar, nem muito menos comunicar online. As cartas iam e vinham de barco, e demoravam mais de um mês a chegar. Não havia aviões a voar a toda a hora, nem por cima do vasto Atlântico, nem sobre o extenso continente norte americano, e muito menos entre as ilhas. E talvez o mais doloroso de tudo – não se sabia se algum dia se iria voltar.

Porém, foi esse enorme salto no escuro de 1953 que me levou à Califórnia, onde cresci e estudei, e fui agraciada com a oportunidade de conhecer de perto as grandes questões e movimentações dos anos 60 e 70, com destaque, neste contexto, para o chamado *Women's Movement*. Foi por causa de tudo isso que, de volta às ilhas e docente na Universidade dos Açores, organizei em 2001 o 1º Encontro sobre *A Mulher nos Açores e nas Comunidades* e, nos dois anos seguintes, reuni e traduzi os 60 artigos dos 4 volumes da antologia bilingue que publiquei em 2003 e depois apresentei no 1º *Vez e Voz*. Comecei pensando fazer um livro, mas foram 4 em 2003 e mais 2 em 2008, com 40 textos focados na temática *A Mulher e o Trabalho*.

Agora, duas décadas depois, confesso que sinto um misto de emoções: Enorme felicidade porque os estudos de género e da mulher têm vindo a fazer parte de iniciativas meritórias, como esta, de forma natural e espontânea. Mas o facto de ser preciso dar especial atenção a esta temática torna claro que ainda há muito que fazer para chegarmos a um patamar aceitável e sustentável de igualdade. Isso deixa-me apreensiva, pois o idealismo da juventude levava-me, nesses anos idos, a pensar que íamos conseguir. Agora sei que a luta é para continuar e que, como diz Susan Gubar, “Our job is not yet done.” É por isso que temos estado aqui nesta altura e que, de certeza, estaremos reunidos de novo no futuro, e ainda bem. Nesse sentido, cabe-me agora apresentar uma análise comparativa e feminista das personagens principais de dois romances fundamentais dos Açores: *Mau Tempo no Canal* e *A Escrava Açoriana*:

ESTUDO COMPARATIVO

Nesta análise comparativa das protagonistas principais que dão vida a dois romances emblemáticos dos Açores, começo por observar que os nomes próprios das duas são bastante comuns em português, e se relacionam com flores. Uma chama-se Margarida, nome que deriva da palavra “pérola” em latim, hoje utilizado para referir a flor margarida. A outra chama-se Rosário, nome derivado do latim *rosarium*, que significa “um campo de rosas,” hoje empregue para referir as contas para rezar utilizadas pelos fiéis, incluindo a própria Rosário no romance.

Criada pelo grande escritor dos Açores, Vitorino Nemésio (1901-78), Margarida surge em 1944 (Nemésio tinha 43 anos) no romance *Mau Tempo no Canal*, considerado pela crítica de então um dos maiores, se não o maior, romance português do século XX. A acção decorre no Grupo Central de ilhas, em especial entre o Pico e o Faial, (ilhas separadas pelo *Canal* referido no título) no princípio do século XX – entre 1917 e 1919 – altura do declínio da aristocracia, em tensão com a burguesia em ascendência, e de múltiplos constrangimentos para a mulher numa sociedade tradicional e patriarcal.

Rosário, por sua vez, só apareceu no ano passado – em junho de 2022 – no romance *A Escrava Açoriana*, já considerado (e bem, na minha opinião) o melhor romance dos Açores do século XXI. Por coincidência, tal como Nemésio, o autor Pedro Almeida Maia (n. 1979) tinha 43 anos quando lançou este grande romance há um ano. Abrangendo um pouco mais de 50 anos, de 1873 a 1925, a estória leva-nos da ilha de São Miguel, assolada pelo subdesenvolvimento, até ao alvoroço do Brasil pós-colonial, e depois de volta à ilha, brindando-nos com uma plethora de referências socioculturais e recriações cativantes das muitas mudanças que moldaram este período tempestuoso da história dos Açores e da emigração açoriana.

Porém, apesar das trajectórias distintas das narrativas, as semelhanças abundam no que respeita ao “*mau tempo*” existencial e ao descontentamento de duas personagens femininas que se encontram enjauladas pelas múltiplas repressões impostas às mulheres pela mentalidade machista e fechada da sociedade açoriana. Criadas por dois homens escritores, tanto Margarida como Rosário almejam livrar-se das limitações e amarras que sentem como mulheres, embora venham de estratos sociais muito distintos. Margarida faz parte da classe aristocrática do Faial, com ligações aos nobres que povoaram a ilha. Rosário, em contrapartida, é filha de uma mulher que se viu obrigada a prostituir-se para sobreviver à pobreza extrema que esmagava tanta gente nos Açores, com destaque para a ilha de São Miguel.

Todavia, apesar deste enorme fosso social, ambas sonham poder fugir um dia e ponderam formas de escapar às suas respectivas situações. Mulheres jovens que são, ambas consideram as possibilidades de um enlace amoroso, mas as suas expectativas e relações acabam por ser, na realidade, secundárias aos seus respectivos percursos. Assim, embora ambas tenham sido aliciadas pelo bichinho do amor romântico, as duas chegam à conclusão de que a paixão amorosa é secundária às exigências da vida do dia-a-dia.

Nemésio inicia o seu romance numa noite de tempestade em que Margarida está com o putativo namorado João Garcia, filho do negociante que é o maior antagonista do pai dela. Quando este os vê juntos, leva a filha para dentro de casa e dá-lhe uma sova. A voz narrativa, sempre aliada aos pensamentos de Margarida, expressa a indignação da jovem: “Numa terra em que tudo são heranças e negócios, o que vale uma rapariga? Eu sou uma espécie de prédio que por acaso ficou livre... ‘As fiminhas’ como diz a Mariana do Pico, ‘quérim-se im casa sossegadas, im riba do estrado... A vida é como a roda do ano em casa do lavrador: lavrar, semear, ceifar” (175). Apesar dos protestos e ressentimentos, Margarida acaba por ceder à pressão para reabilitar a posição social da família e casa com André Barreto, filho do Barão da Urzelina. Antes, porém, ela tinha pensado emigrar para Inglaterra, onde vivia o Tio Roberto, mas ao saber que a peste levara o querido Tio à morte, ela fica desolada, diz o texto, como se fosse uma viúva (316).

Rosário também se sente desiludida pelos prismas do amor. No início do romance de Almeida Maia, ela está em fuga de dois homens que a acusam de lhes ter roubado uma galinha. Insistindo que esta andava livre e não tem dono, Rosário consegue entregá-la ao senhorio para abater na renda que a mãe deve, mas os dois homens continuam a persegui-la até ao porto. Aflita, ela salta para o mar, de onde é salva por Josué, filho do proprietário que emprega o padrasto dela. Após um beijo em público, inconcebível na altura, Josué percebe que Rosário está em vias de emigrar com a mãe para o Brasil e promete ir ao encontro dela um dia, dia que, por várias razões, nunca chega, claro. Vacinada por sete anos infernais de escravatura no Brasil, Rosário consegue voltar para São Miguel, onde acaba por ter uma filha com Josué, um bom homem que nunca a esquecera, mas depois da experiência horrorosa de emigrante escravizada, uma dura realidade da história da emigração açoriana de que raramente se tem falado, Rosário nunca mais seria a mesma.

Porém, a maior diferença entre estas duas figuras femininas singulares tem a ver com os seus respectivos planos para emigrar e onde esses sonhos as levam. Quando Margarida decide que a ida para Inglaterra é a melhor forma de escapar, a voz narrativa relaciona a força e o vigor que ela sente com a araucária, a árvore de tronco magistral que é comum às ilhas: “Uma

força desconhecida levantava-a acolá como a araucária do pátio, inabalável, cheia daqueles tentáculos verdes que fechavam a casa de sombra” (178), metáfora em que a árvore imponente representa o ciclo vital e pujante da natureza, a sufocar a herança linear representada pela casa patriarcal. Porém, Margarida acaba por ficar nas ilhas e, ao contrário de tantos açorianos e açorianas, nunca emigra. Simbolizando a morte desse sonho, ela atira o seu precioso anel de serpente para o fundo do oceano enquanto, no final do livro, viaja para a Terceira, recém-casada com André Barreto.

Rosário, por sua vez, emigra, e isso faz toda a diferença. A experiência no Brasil é horrenda: ela é comprada e vendida; é roubada e posta na rua; é abusada e forçada a prostituir-se. Mas enquanto luta pela sobrevivência, ela amadurece e cresce como pessoa; ela aprende a ser irreverente, a rir perante a adversidade, e a questionar o status quo. Parecendo espelhar o ar brincalhão que imprime à personagem, em especial após a experiência de emigração, o autor tece fios de factos históricos na narrativa com humor e irreverência. Com a rebeldia de uma Alice Moderno, por exemplo, Rosário, já de volta a São Miguel, assiste à visita de Alberto, o último rei de Portugal, em 1901, e aproveita para gritar: “Abaixo a monarquia!” (188), enquanto a voz narrativa comenta com ironia as “obras incessantes” da construção do Porto de Ponta Delgada, dizendo: “Havia quem visitasse a cidade solteiro, lá voltasse casado e mais tarde viúvo, e a construção sempre a decorrer” (213). Como estes, há muitos exemplos. No seu todo, o espírito irreverente e livre de Rosário, e da voz narrativa já agora, imprime humor e vitalidade à história, enquanto a originalidade e espontaneidade da protagonista fazem dela uma figura cativante e inesquecível, uma mulher açoriana e emigrante única.

É apenas no desfecho da narrativa (na página 195, num romance de 220 páginas) que nos é revelada a identidade desta voz narrativa especial, quando a perspectiva passa da terceira para a primeira pessoa, um toque de génio que Almeida Maia manobra com mestria. Embora admita que saber quem nos conta a história fará a leitura de *A Escrava Açoriana* ainda mais prazenteira, levando, muito provavelmente, à segunda leitura, acho melhor manter o segredo. Agora, apenas acrescento que a voz narrativa criada pelo autor é cativante porque conjuga uma dinâmica temporal e uma perspectiva geracional, dando profundidade e grande alento à estória contada.

Em suma, nesta análise comparativa passámos do *Mau Tempo no Canal* de Nemésio e de Margarida, a personagem principal que resiste mas fica enclausurada pela força patriarcal e insular do tradicionalismo açoriano, para o *mau tempo no Atlântico* de Rosário, *A Escrava Açoriana* de Almeida Maia que, nos finais do século XIX, emigra para o Brasil, onde é espezinhada e escravizada, mas logra sobreviver, “delinear um plano de fuga” (161),

ultrapassar “a dor – o sinal divino da mudança” (164), e tornar-se “uma nova mulher” (169). Efectivamente, é só depois de atravessar o poderoso Atlântico e enfrentar os desafios da emigração, feita incomensuravelmente mais angustiante pela experiência horrenda da escravatura, que Rosário consegue regressar a Ponta Delgada, para viver não em Santa Clara, onde nascera e vivera antes, mas na Calheta Pero Teve, berço da pequena urbe onde podia “tirar partido das poucas casas litorâneas da cidade que não tinham as costas voltadas ao Atlântico” (172). E mais, é só depois de partir, viver fora dos Açores e voltar, que ela consegue ver as ilhas com outros olhos: “O império do Brasil, afinal, não trouxera riqueza. Não lhe dera nada, além de desgosto, más companhias e chibatadas nas costas. Uma grande lição. Agora conseguia ver a ilha de maneira diferente, como nunca dantes: de fora” (164).

Ir ou voltar? Partir ou regressar? Eis o dilema açoriano de todos os tempos, a grande questão que está subjacente à dinâmica da açorianidade, conceito cunhado pelo próprio Nemésio, escrevendo desde Coimbra, em 1932, para a revista *Insulana* de Ponta Delgada: “Um dia, se me puder fechar nas minhas quatro paredes da Terceira... tentarei um ensaio sobre a minha açorianidade subjacente que o desterro afina e exacerba” – que o desterro afina e exacerba. Ou nas palavras do estudosso António Machado Pires: “A açorianidade é a alma que se transporta quando se emigra, como também aquilo que de cada um de nós se espera quando nós vivemos fora” (31).

Obra-prima da literatura açoriana e da história da emigração açoriana, *A Escrava Açoriana* abre com uma palavra-chave: *açorar* – sentir grande desejo – verbo que, enquanto ecoa o próprio nome dos Açores, aparece ligado ao verbo *partir*: “Açorada por partir, sôfrega por abandonar a ilha” (13) diz Almeida Maia, no que é uma primeira descrição da protagonista Rosário e, ao mesmo tempo, uma expressão sucinta do impulso base da açorianidade. A meio do romance, o autor volta ao mesmo verbo para expressar a ânsia de Rosário no Brasil, “açorada por abandonar aquele sítio” (157), e no Epílogo, quando a filha de Rosário descreve mais uma partida: “Açorada por partir, a minha filha sentou-se no baú recheado de recordações, ao lado do seu avô... Ambos preparados para o que Deus nos premeditava” (219), no que acaba por ser a recriação, mas em palavras, da cena pintada no emblemático quadro “Os Emigrantes” de Domingos Rebêlo. Neste contexto, será altura de fazer a seguinte pergunta: como artífice da palavra, explorando os meandros e contornos da nossa emigração com exemplar curiosidade e inquestionável originalidade, será que Pedro Almeida Maia se vai tornando, passo a passo, no escritor nos Açores da diáspora açoriana?

A reiteração da oração “açorada por partir,” já referida, exemplifica o cuidado e criatividade do autor, que parece “brincar” com as palavras,

tecendo um romance cujo léxico é rico e robusto, fascinante e desafiante. Outro exemplo é o ainda mais recorrente motivo de “o pio do milhafre,” expressão do apelo e chamamento das ilhas através do som desta ave autóctone, chamamento que ecoa na memória de Rosário, e será replicado na memória da narradora, num desdobramento de quem vai e volta, de quem parte e regressa. É com uma última referência a “o pio do milhafre” que Pedro Almeida Maia encerra esta notável obra.

BIBLIOGRAFIA

- Almeida Maia, P. (2022). *A Escrava Açoriana: A irreverência de uma mulher em tempo de incerteza*. Lisboa: Cultura Editora.
- Guerra, H., Gomes, L. M., Viana, M. & Simas, R. (2015). *Mineração de Texto em Humanidades*. Lisboa: Centro de História, Universidade de Lisboa. (Disponível em rosasimas.com)
- Lepecki, M. L. (1974). “Sobre *Mau Tempo no Canal*” in *Críticas sobre Vitorino Nemésio*, (pp. 167-179). Lisboa: Bertrand.
- Machado Pires, A. (2013). *Páginas sobre Açorianidade*. Ponta Delgada: Letras Lavadas Editoras.
- Martins Garcia, J. (1994). Introdução, *Mau Tempo no Canal*, Vol. III, *Vitorino Nemésio: Obras Completas* (pp. 7-15). Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda.
- Nemésio, V. (2001). *Mau Tempo no Canal* (1^a edição 1944). Lisboa: Leya, S. A. Sociedade Portuguesa de Autores e Publicações Dom Quixote.
- (1932). “Açorianidade” in *Ínsula*, nº 7: Julho-Agosto.
- (1928). *O açoriano e os Açores*. Porto: Renascença Portuguesa.
- Silva, H. (1985). *Açorianidade na Prosa de Vitorino Nemésio: Realidade, Poesia e Mito*. Lisboa: Imprensa Nacional.
- Simas, R. (2015). “Margarida no romance *Mau Tempo no Canal*: Uma abordagem feminista e ecocrítica.” (Disponível em rosasimas.com)
- (1998). “A pérola nemesiana” in Machado Pires, A. (Coord.), *Vitorino Nemésio: Vinte anos depois* (pp. 255-262). Lisboa: Edições Cosmos. (Disponível em rosasimas.com)
- Simões, J. G. (1974). “Mau Tempo no Canal” in *Críticas sobre Vitorino Nemésio*, (pp. 70-77). Lisboa: Bertrand.